



Quatro flores entre flores

## Moçambique

• Aproxima-se a partida. A ânsia de chegar leva-me a rever na memória a nossa Aldeia, os nossos rapazes, alguns já homens; as pessoas que lá trabalharam e nos deram apoio generoso; das que lá ficaram, apetecia-me dizer: que nos ficaram lá. É para essas que agora vamos regressar.

Não quero nem imaginar o quanto somos necessários. Basta a disponibilidade de ser tudo para todos. Também não quero estar apreensivo com o que de imprevisto e maléfico possa acontecer. Basta saber que não será diferente do que acontece a todos que lá vivem. Temos o mesmo Deus para nos confortar. A mãe terra, rica e generosa para nos carregar de esperanças. O pôr-do-sol e as estrelas da noite para suavizar o ardor do sol e o trabalho do dia. Sinto o coração inundado em acção de graças a Deus, por me ter conservado ao Seu serviço para esta hora. Hora de tristeza e angústia, mas também de alegria e esperanças. Se foi custoso ter de abandonar tudo e todos, há quinze anos e meio, é bem mais saboroso poder voltar. Se tudo parecia escuro e trágico, agora é claro e atraente como o nascer de uma nova vida.

Aqui, em Paço de Sousa, durante a ausência do Padre Manuel em Angola, ficou à minha conta a preocupação dos campos. A estiagem tem queimado o milho das terras altas. A água é pouca. Mas, mesmo assim, a nossa quinta está cheia de promessas. São as videiras carregadas de cachos. São cerca de cinco hectares de milho. É a horta, com fartura de tudo. Isto em pequenas parcelas, repartidas em pequenos campos.

Imagino a nossa fazenda no Umbeluzi. Uma área grande com gado no pasto; cem ou mais hectares de milho. Depois a horta, difícil de conter na força das chuvas e calor por causa das pragas naturais. O bananal, o pomar de mangas e abacates,

o laranjal. Ali é terra de laranjais. O campo dos ananazes, da mandioca e batata doce.

Acima de tudo isto a nossa Aldeia com casinhas brancas, por causa do sol e largas janelas para acolher a brisa da noite que vem dos lados do mar.

Continua na página 2

Nestes últimos tempos passaram, pela Casa do Gaiato, alguns sacerdotes amigos, com os quais já partilhei — e julgo agora mais — labor pastoral e inquietação apostólica.

Vieram, viram e admiraram-se. Depois, conversámos. Foi uma conversa de irmãos preocupados com a presença da Igreja no mundo, cada vez mais vasto e sofisticado, dos Pobres.

Estas visitas à Casa do Gaiato têm o sabor do Cenáculo. Os Servidores de Jesus a repetirem o mesmo gesto, antes da solenidade da mesa: toalha à cintura, a bacia de água junto dos pés;

## PARTILHA

depois, o enxugar e o ósculo da paz. Tudo bem rentinho ao chão. E o povo de Deus a sentir a transcendência dos gestos no coração dos Seus servidores. É a Igreja a aferir a Sua capacidade de atingir os corações; a cumprir a Sua missão.

Mas nem sempre assim. Os colóquios, as conferências, a preocupação mundana com o louvor aos santos; a multiplicação da burocracia: papéis e mais papéis. Neles, tudo muito claro, obviamente.

Faltam gestos e jeito. Às vezes, capacidade de risco. Gestos gratuitos que denunciem a tentação do «ater-se ao subsídio» como resolução única dos problemas. O dinheiro — necessário com certeza — no entanto, absorve demasiado tempo e energias nos mapas do «Haver — Deve»...

Gestos pequeninos, escondidos — para que todos vejam — em cada Comunidade, Paróquia ou Grupo; que não tiram nada à

organização e dão vida; fio de água pura.

Faz tanto bem a uma Paróquia a preocupação pelos seus Pobres! Alguém que leve para o Altar a dor e o sofrimento dos mais fracos e humilhados. Alguém que leve no seu coração a intenção não só dos mortos, mas o nome e a vida dos que mais precisam: os velhinhos, os isolados, as crianças e os abandonados.

E a Eucaristia — memorial do sacrifício e glorificação de Jesus — atingirá os corações. O Povo sente.

Falámos disto e de outras coisas. Os nossos miúdos

Continua na página 3

## África

### • Viagem a Angola

O avião aterrou em Luanda às 20.15 h, no dia 25.06.91. A viagem, desde Lisboa, foi calma. Alguns solavancos apenas, ao atravessar as zonas de turbulência. O Engenheiro Blanco Nogueira, ainda no aeroporto de Lisboa, foi incansável nos cuidados para que tudo corresse bem. O sentido da nossa missão era entendido por ele como se se tratasse duma viagem sua a cuidar de altos interesses. «Bem merecem», dizia, no meio da comoção que lhe embargava a voz e fazia saltar dos seus olhos uma lágrima incontida.

Altos interesses, sim, ocupavam a nossa vida naquela hora e no momento em que escrevo: os Pobres de Angola.

Ao poisar estas notas no papel, os meus olhos admiram o espectáculo da multidão incontável de gente — mais velha, com as cestas vazias às cabeça a buscar a farinha de milho, o feijão e o óleo alimentar que está ser distribuído pela Caritas debaixo das mangueiras frondosas que ladeiam a avenida de entrada da que foi a nossa Casa do Gaiato de Benguela e há-de voltar a ser, assim esperamos. Mães de peitos secos dependurados, com filhos pela mão e às costas, envolvidos em panos; crianças cobertas com farrapos, descalças, de olhar fixo nos sacos abertos da farinha e do feijão. Cenas que meus olhos viram e acompanharam, o meu coração ajudou a erguer, alguns anos atrás, e agora continuam mais vivas. Como me sinto feliz ao ver a nossa Casa do Gaiato rodeada por aqueles que são a sua herança querida e para quem ela é. A sua mensagem cumpre-se na hora actual, renascendo no estômago dos famintos e na esperança das crianças de olhar triste à espera de quem lhes dê a mão. Felizes os olhos que vêem!

Durante a viagem, de milhares de quilómetros, íamos preparando o nosso encontro com o solo de Angola. O avião levava, naquele dia, pouca gente. No aeroporto de Luanda estavam as pessoas afectas ao serviço de assistência. É o tempo do cacimbo, o inverno de Angola, ainda muito quente e húmido.

Continua na página 2

# PELAS CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

Somos do tempo em que era precaríssima a assistência materno-infantil. As mães pobres, cujo leite *secara* no peito, sofriam dolorosos calvários — especialmente d'ordem material — ainda que no meio rural, por tradição, alguns bebês, nestas circunstâncias, fossem amamentados por outras mulheres valentes, ou por *amas*. Do ponto de vista terapêutico, os pais também não suportavam os encargos, mesmo que houvesse um pródigo João Semana.

Nas bolsas de miséria não desapareciam totalmente carências desta ordem. Desde sempre, procuramos que não faltem às crianças biberões cheios. Leiteinho de vaca ou, se necessário, enlatado, por receita da ARS. Salvámos bebês que, hoje, são gente sã com lares constituídos, vida estável, integrados no meio.

Recentemente deitámos mão a um, cujo pai sofreu um acidente e não tinha quê para tratar a filha (pois as seguradoras demoram a solver indemnizações): leite e partes de receita para a menina.

Enfim, continuamos, iufelizmente, a ser um dos países da Comunidade Europeia com maior índice de mortalidade infantil! A estatística do Continente e Regiões Autónomas revela 10,9 casos por cada mil crianças nascidas o ano passado. Uma baixa de 1,5 em relação a 1989; indicador que faz parte dos dados preliminares do Censos/91, mas não atingirá a previsão dos técnicos da Ordem Médicos: oito por mil em 1992.

**PARTILHA** — O costume, do Fundão, com a amizade de sempre. Cheque, de Fiaes, «para um casal de velhinhos. Agradeço o anonimato». Assinante 6790, de Lisboa, remanescente de contas d'O GAIATO. «Manel de Braga» manda quatro contos, no dia de Santa Isabel de Portugal, para as viúvas que tanto padecem! «Uma assinante de Paço de Arcos» com a «partilha de Junho/Julho». Dólares canadianos, de Vancouver. Cinco contos, do assinante 42971, de Ovar, «para os Pobres mais necessitados e mais envergonhados, auxiliados pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa». O mesmo, da assinante 17431, de Guimarães, «sufragando a alma de meu marido». Velha Amiga, do Luso, lembra a irmã no Reino dos Justos, com cheque de mil escudos e «é pena de não lhe poder acrescentar mais uns zeros!». Pompília, de Setúbal, sete contos «para aquelas que mais necessitam». A presença, habitual, da «Avó de Sintra», reforçada «pelo 14º mês» da sua pensão: dez contos. Outros dez, da assinante 20014, de Lisboa, pondo O GAIATO nos pincaros, já que o lê com a alma e o coração.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PACO DE SOUSA

**PRAIA** — Já regressou o primeiro turno. Vieram todos moenos e alegres. Alguns, com

saudades das suas tarefas; mas, para outros, a praia... que ficou! Foi bom!

Partiu o segundo turno. Esperemos que também venham alegres e moenos.

É o turno dos mais pequeninos.

**DESPORTO** — Em 6 de Julho vieram cá dois grupos. Um, de Pardilhó. Outro, a União dos Tarcísios do Porto. Primeiro, defrontámos a formação de Pardilhó e ganhámos por 12-1. No final do jogo ofereceram a merenda à malta.

Depois, à tardinha, defrontámos a formação dos Tarcísios. Foi um jogo de futebol de salão. Actuaram com todo mérito, porque são uma equipa federada. Perdemos o jogo por 9-4. Houve sardinhada com vinho da casa, para todos os atletas. Uma festa muito divertida.

**PECUÁRIA** — Morreu uma vaca. Os vaqueiros gostavam muito dela, porque era a mais mansa e, também, a que dava mais leite. Deixou ficar 43 litros de leite e um vitelo. Esperemos que ele seja como ela.

**AGRICULTURA** — Os campos de milho estão verdejantes. Os homens do campo fazem muito esforço com a rega. O nosso Padre José Maria tem sido o mais responsável pela orientação da água, com proveito para as sementeiras.

Carlos Alberto «Lito»

**PAI AMÉRICO** — No «fecho» da edição, cai sobre a nossa mesa de trabalho mais um recado! — Não há nenhum jornalista que reporte o dia 16 de Julho?

Há que rabiscar... Foi um dia de festa! De manhã, reunidos à volta do altar, participámos na celebração eucarística concelebrada pelo Padre José Maria e Padre Carlos, na mesma ara onde Pai Américo, diariamente, entregava na mão de Deus os Rapazes e os Pobres, as Obras que lhe nasciam no peito, sustentadas pelo seu coração magnânimo.

Tudo o que ele é, foi cimentado, ali, em nossa Capela. Com o devido respeito pelos leitores que possam não entender a faceta mais preciosa da sua vida de homem de Fé. À homilia, acessível à comunidade, Padre José Maria rebuscou factos e acontecimentos com profundidade espiritual. As novas gerações precisam de conhecer Pai Américo. Inclusive, para melhor amarem a Obra que os faz Homens.

Após o pequeno-almoço, seguimos de autocarro para o Minho, com passagem pelo parque zoológico da Maia. Os mais interessados viram e brincaram com bicharada dos trópicos. Mas alguns «Batatinhas» ficaram fascinados pelos baloiços... Um grupo de Amigos refrescou-nos a goela com fresquíssimos *cornetos*.

Depois, rumámos para o Luna-Parque, de Braga, onde o grupo de Amigos ofereceu um bom almoço. Curiosamente, vale a pena referir, também, que um extra, desta ordem, não deixa de ser, para cada um, factor pedagógico. Numa ou noutra *jardinadela* (passeio) com Pai Américo — sobretudo nas primeiras — ele esclarecia posição e talheres; ou nós, incipientes, perguntávamos quando e como actuar com o *material* à nossa frente.

Neste aspecto, legou riquíssimas páginas de poesia! Quanto aprendemos, por lá, em idênticas circunstâncias!

Barriguinha cheia, a malta ocupou carroceiros, carros de choque, até o comboio do Texas... Velhos e novos. Toda a gente.

No regresso, parámos na Falperra. Tudo programado, o grupo de Amigos serviu uma rica merenda que poderia ser complemento duma boda de casamento!

Um dia cheio! Sobretudo na Falperra, parámos... mais um nadita, recordando uma ou outra *jardinela* com Pai Américo, por aquelas bandas, cioso de dar a conhecer a nós outros — na maior parte em viagens de serviço — as maravilhas do País que somos; como os pais, que podem, fazem a seus filhos.

Um deles

## PRAIA DE MIRA

A nossa casa da praia de Mira abriu no dia 11 de Junho como lar de idosos que cá vêm repousar todos os anos.

É gente idosa, mas engraçada, cheia de vida. São do Lar de S. José da Covilhã. Gostamos muito deles e eles de nós. Depois foi a vez dos queridos «Batatinhas» e dos distribuidores do jornal irem passar merecidas férias após um ano trabalhoso e desgastante, chefiados pelo Manelzito, um dos gaiatos mais velhos e de muita experiência como chefe, mas que não se encontra em boas condições físicas e, por isso, eu próprio ajudo um bocadinho na chefia. Vejo também um dos melhores cozinheiros, ajudados pela senhora Mabilia, afilhada da irmã do nosso Padre Horácio, que cuidou bastante da sua madrinha até à morte, que foi um choque, tanto para nosso Padre Horácio como para ela e o resto da família. Agora já se encontram recuperados. A senhora Mabilia e o José Emílio formam uma maravilhosa dupla de cozinheiros. A sua comida é apetitosa. Hum!

Vieram passar férias, alguns dias depois, os gaiatos do Tojal. O mar encontra-se, por vezes, bravo. Mas podemos tomar banho. O sol é muito quente! Gostaria de deixar um aviso aos nossos amigos leitores: Cuidado com o sol porque está provado que os cancros existentes em maior número em Portugal, são os da pele, pelos banhos de sol à beira-mar.

Previnam-se, quanto antes, pois pode vir a ser tarde demais.

João Pedro

## ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS GAIATOS DO CENTRO

**CONVÍVIO/91** — «Mostrai-vos também ricos em generosidade...» Foi esta a exortação de S. Paulo que ouvimos, na Carta aos Coríntios, em 30 de Junho. O Convívio dos antigos gaiatos do Centro realizado desde 1985, e promovido pela respectiva Associação decorreu de forma agradável, graças a Deus e à generosidade de muitos, da equipa organizadora ao mais modesto participante.

Grande Encontro foi a Euc-

ristia, porque Encontro divino...

Abel Magalhães, numa feliz iniciativa da Organização, pelo interessante caminho das «Relações Humanas» levou-nos a reflectir na relação pais/filhos para caminhar juntos, tema ilustrado com alguns slides que abordou com saber, prendendo a atenção da assembleia. Ficámos mais ricos e conscientes de que não basta sermos bons pais, nada recusando aos filhos no campo material; porém, sem tempo para lhes dar... inclusive o diálogo tão necessário, em que se sobrevalorize o «Ser», em vez do «ter». Na família há que existir, entre pais e filhos, mais comunhão. Aqueles esperam, dos pais, não só que sejam bons, mas, principalmente, simpáticos, capazes de estar em sintonia com eles, pelo diálogo respeitoso e franco.

Esta reflexão foi o maior dom do nosso Encontro — para o crescimento de todos. O simples convívio já é muito bom; mas quando conseguimos também reflectir em coisas sérias e importantes, então, melhor ainda e vale a pena sermos generosos e deixarmos tudo para estarmos presentes, participarmos.

Uma breve referência à participação, quase generalizada e entusiástica, com que muitos animaram os 1ºs Jogos Tradicionais e Populares organizados pelo João Fernandes.

As refeições, almoço e merenda, decorreram de forma satisfatória, pela qualidade, quantidade e serviço. O João Bandarra, habitual cozinheiro, apurou-se no arroz servido ao almoço.

No próximo Convívio estaremos com o mesmo entusiasmo e a tentar fazer melhor, esperando a colaboração e a participação de todos.

Por tudo, graças a Deus!

Carlos Manuel Trindade

## MOÇAMBIQUE

Continuação da página 1

Os sons da noite: quando voltar a alegria, o batuque ao longe, os grilos, as rãs e as aves nocturnas. Tudo o que enche a noite africana.

Imagino também a labuta em nossa Casa; as mães com seus filhos às costas procurando comida, roupa e remédio. Os homens no trabalho, levantando as casas da nossa Aldeia; troncos nus, brilhando ao sol, vergados para a terra, regando-a de suor, fertilizando o futuro.

• Junto pequena mensagem da Irmã que nos acompanha: «É hora de agradecer a Deus por tudo! Pelo sol, pela lua, pelas estrelas, pelo trabalho, pelo sofrimento, pelas provações, pelos amigos que nos fazem crescer, por aqueles que nos fazem sofrer. É hora de pedir! Pela nossa nova missão, por tudo que vamos enfrentar, pelas crianças, pelas mães, pelos pais, por aqueles que acreditam em nós, pelos que nos vão ajudar, pelos que vão fazer parte da equipa de trabalho, por tudo que só Deus sabe.

Na esperança de logo estarmos juntos nesta missão que Deus nos reserva, deixo hoje o meu abraço e a certeza de minhas orações. Sua irmã, em Cristo...»

Padre José Maria

# África

Continuação da página 1

Aguardava-nos um casal amigo e o Padre Casimiro, verdadeiros irmãos que nos dispeusaram toda a atenção. Recolhidos cada um em seu lado, passámos antes por ruas pedradas de garotos e adolescentes, àquela hora da noite, agrupados nos espaços vazios. O ar que se respira é de confiança. Não se vêem armas nem soldados com farda. Foi um alívio. O povo quer a paz. Está farto da guerra. Queremos ser mensageiros da Paz, anunciando os caminhos da Reconciliação que passam pela justiça social e pelo amor, vivendo na verdade e em liberdade.

A nossa missão, neste momento, é a de reflectir com as autoridades civis e da Igreja sobre a possibilidade de relançar a actividade da Obra da Rua em Angola, pelas Casas do Gaiato de Malanje e Benguela.

Fomos recebidos pelo Ministro das Relações Exteriores no seu gabinete. Tivemos uma conversa cheia de interesse. O acolhimento nascia do coração preocupado com o problema da Paz e a situação social do país. Estávamos em sintonia, pois a paz do silêncio das armas só é garantida pela paz social. A Obra da Rua encontra-se neste caminho; por isso é desejada calorosamente como um ponto de referência importante neste processo.

Depois de cerca de uma hora em diálogo simples, quase diria familiar, onde as grandes linhas da Obra da Rua foram expostas, entendidas e aceites, dirigimo-nos ao Ministério da Educação que, até ao momento, tem tutelado a área em que se movem as Casas do Gaiato. Encontrámos a mesma expectativa, o mesmo acolhimento. A grande mensagem a colher destes encontros é a do pobre que se encontra com o pobre dando cada um o que pode e o que tem. De um lado, a consciência do estado de pobreza em que se encontra, de braços dignamente estendidos para acolher. Do outro, a consciência de quem tem algo para dar, no plano das verdadeiras necessidades e dignamente estende os braços para caminharem juntos e se ajudarem mutuamente. Aliás, dando agora um salto a Benguela, de que tratarei mais adiante, na conversa cordial que tivemos com o Governador da Província, ao falarmos da autonomia e independência das Casas do Gaiato face ao poder político, insistimos mais na autonomia do que na independência. A família serviu-nos de modelo, já que sendo uma realidade autónoma, com a sua vida própria, não é independente do Estado, pois este tem a obrigação de cuidar, na parte que lhe toca, das condições necessárias para que ela possa cumprir a sua missão. E a família, por sua vez, tudo deve fazer para que o Estado realize a sua. Há uma interdependência grande e necessária. Não são espaços indiferentes um ao outro. Creio que nos entendemos.

De Luanda rumámos a Benguela, segunda etapa desta peregrinação. A viagem foi cuidadosamente preparada, quanto a disponibilidade de lugares, no avião. Não houve perda de tempo. Assim no dia 27 de Junho aterrámos no aeroporto da cidade, chamada, em tempos, cidade-jardim, cidade das acácias rubras. Na deslocação para o centro da urbe, vimos as árvores tristes, com as folhas curvadas para o solo. Bem queríamos falar com elas e perguntar porque estavam assim, tão cheias de pó e com tão pouca vida! Fiquei com a impressão de que as pessoas não davam conta. «É a falta de água», responderam-nos. «Há muitos meses que não chove. As árvores estão tristes!»

A nossa chegada depressa foi conhecida; a notícia correu a todos os cantos. Não é para admirar: estávamos em Casa. Ceddo nos apercebemos de que Benguela é também Casa da Obra da Rua. O povo que nos amou até ao fim foi esperando a hora do regresso. Na passagem pelas ruas e sanzalas em volta, batia palmas baixinho, em sinal de alegria e gratidão. Foram as chapas de lusite que cobriram as casas dos refugiados; a farinha de milho, o feijão, o óleo, e o leite que mataram a fome aos que vinham das matas; os remédios e o acolhimento aos que chegavam em busca de esperança, depois de tudo terem perdido na guerra imerecida e cruel; tudo isto gerou uma corrente de amor que permaneceu e solidificou a comunhão das nossas vidas. Felizes os olhos que viram o que não vedes!

Depois, chegou a hora do encontro com os rapazes criados na Casa do Gaiato. Hora de abraços, beijos e lágrimas. Tudo em família, debaixo da mangueira grande que olhava para todos nós como a mãe aconchega os filhos.

Recolhemo-nos nos anexos do mosteiro «Mãe de Deus», verdadeiro oásis no seio deste povo, onde vêm repousar e buscar alento os pobres, os doentes e quantos necessitam de paz.

Padre Manuel António

# Ecoss de África

• Na segunda-feira, 10 de Junho, depois de ter passado a manhã e almoçado em Paço de Sousa, fui até Beire, levando como companheiro aquele pequeno que o Padre José Maria trouxe do Brasil. E fomos encontrar o Padre Zé na sala de convívio, mesmo por baixo daquela varanda que quem já foi a Beire jamais esquecerá.

Como gostei de o tomar a ver! E o entusiasmo que deixava transparecer, falando do regresso a Moçambique! Mesmo, não sendo para o Infulene!

## PARTILHA

Continuação da página 1

Que psicologias e pedagogias...? Vem sempre à liza o nosso modo de vida e relação. «Olha que os rapazes estão à vontade e têm um ar muito feliz...». Ao ouvir isto, que havia eu de dizer senão recordar o que o Padre Américo tinha sentido na sua profunda intuição de pedagogo e homem de Deus: «O caldo bem feito, a cama lavada, ar muito ar; campo e pássaros; trabalho e responsabilidade, são responsáveis por este sorriso franco; este à-vontade de quem está em sua casa».

E falámos até à despedida: — Esta casa é também tua..., volta! — disse. Sabe bem dizer isto a um irmão sacerdote; é tão bom sentir que ele o compreende e com isso se preocupa. E o Povo vai atrás de um servidor assim. Admira a sua vida simples; admira, e supre, por intuição, o que falta. Deus, nunca falta! Foi um bom encontro.

Padre João

Mesmo indo uma vez mais para do nada arrancar com uma Aldeia de Rapazes! Vá, pois, que Deus é grande!... E tanto surge por entre cedros... como por entre cajueiros ou capim. Em Moçambique ou em Angola, onde quer que por amor às crianças se arregace a camisa e se olhe para a frente e para cima.

Momentos de partida para África são sempre momentos altos para a Obra da Rua. Não irá a Televisão cobrir o acontecimento. Não virá às primeiras páginas dos jornais. Não custará um tostão ao erário público. E, todavia, em «delegação tão pequenina», vai o que de melhor, de mais duradouro se pode dar a quem de quase tudo precisa.

Assim foi nos anos sessenta, para Benguela e Malanje primeiro e depois e ao tempo para Lourenço Marques. Assim será também agora — ainda que tenha de ser sacudido muito pó...

Deus acompanhe sempre cada passo de quem vai! Que quem fica e sabe que Angola e Moçambique não são por aqui ao pé, por certo terá presente cada um dos que partindo levam no peito uma mensagem que será sempre mais forte do que as saudades. E, assim, Benguela, Malanje e Maputo tornarão ao nosso roteiro sentimental (se é que alguma vez dele deixaram de fazer parte, como no meu caso, que tive o privilégio de andar por lá, mau grado uma segunda partida, tivesse sido para a guerra). Aos que vão, o meu abraço muito grande e a certeza de que os não esqueceréi! E se forem para Benguela, recados meus àquele recanto que entre acácias e mar marcou o jeito com que aprendi a gostar de África.

Santos Silva

• No último número d'O GAIATO, o Padre Telmo que dirigiu a Casa do Gaiato em Malanje, recorda com saudade: «Dos campos de arroz dos indígenas e de uma máquina de descasque do mesmo, pertença de um branco e que está a apodrecer.

De um pequeno tractor que lavrava a terra e depois o soba dividia consoante os aglomerados familiares».

Querem dar ocupação a 200.000 soldados que vão ser desmobilizados? O seu destino é o cultivo das terras, escolhidas perto de cursos de água e com o auxílio de uma bomba de 3 polegadas, vulgar em Angola, sobretudo no Cavaco. A bomba de água torna-se indispensável devido às secas que têm assolado Angola e Moçambique nos últimos anos.

A bomba seria deslocada permitindo duas regas por semana e possivelmente por aspersão. A bomba seria montada num carrinho. O encarregado da bomba teria ordenado e responsabilidade no cuidado a ter com a máquina e utilização do gasóleo.

As Casas do Gaiato em Angola seriam Escolas de Práticos Agrícolas.

Numa visita à Missão da Ganda de um Superior do Espírito Santo e com a presença do Bispo D. Daniel Junqueira, eu declarei o seguinte: Que os missionários de La Salle e as Irmãs Doroteias tinham conseguido trazer ao pé da Missão em bairro especialmente construído, mulheres nativas de 40 a 50 anos a quem ensinaram — coser na máquina de costura, talhar um calção abolindo a tanga, talhar um vestido, uma blusa e uma saia evitando o embrulho do corpo em panos. As famílias eram alimentadas

pela Missão, nesse deslocamento.

Para mim esse avanço da civilização tem o valor da introdução da roda no transporte de cargas.

O Padre Rafael distribuiu pelos seus aldeamentos: Sementes de cenoura e sementes de repolho como melhoria na alimentação.

A Missão da Ganda dava a instrução primária completa, ultimamente com professores do Estado Português.

Bernardo

• (...) Aproveito a oportunidade para lhes dizer que fiquei muito muito contente em saber pel'O GAIATO que vão recomeçar a vossa Obra em África.

Sementeira do Amor de Deus entre os homens... Têm todo o meu apoio (um apoio forte e quente, podem crer — quente de fé e amor fraterno). Materialmente verei o que será preciso daqui a algum tempo...

Assinante 26226

## Do que nós necessitamos

O estilo das cartas e comunicações que nos chegam é familiar. Por isso há calor humano que se experimenta. As pessoas percebem que tem de ser assim: «Espero, algum dia, poder dar uma ajuda mais personalizada e não apenas na fria descarga da consciência do 'envio este cheque', embora seja também a partilha de algum fruto do meu suor (sou agricultora), e também da reforma de minha mãe, que também foi agricultora e faz 70 anos».

O GAIATO é um despertador da consciência adormecida. «Hoje, por graça de Deus, ao folhear vários jornais, li-os numa ponta à outra. Evidentemente que «enfiei» várias carapuças e a minha consciência mandou que enviasse imediatamente o meu contributo.» Mais

5.000\$00: «Este dinheiro é de minha esposa que envia parte da sua reforma.»

Quem recebe o aumento do seu ordenado e reparte não quer que o mercantilismo atrofie a sua vida: «Junto envio o meu cheque de 10.000\$00 que é 1/3 do meu aumento de Janeiro a Março». Mãe que envia cem mil, graças a uns «dinheirinhos» que recebeu sem contar. «Continuo rezando por vós e peço as vossas orações pelas necessidades espirituais de meus filhos e netos».

O princípio dos vasos comunicantes dá-se também no corpo social quando, não há coágulos a estorvar a circulação. «Cada vez que leio O GAIATO fico mais motivada para agir com amor, a favor dos irmãos. Aumenta em mim a fé e a esperança e comove-me e entusiasma-me a generosidade e simplicidade daqueles muitos que ajudam a manter de pé a vossa Obra que é, sem sombra de dúvida, de Jesus.» Médico amigo vem, delicadamente, com 250.000\$00, porque quer participar com a família na Obra da Rua. Mais «um bocadinho da minha reforma — 6.000\$00.» Além do mais, esta mensagem: «Sou leitora assídua do vosso querido jornal. Leio-o do princípio ao fim. Faz-me bem ler O GAIATO. Faz com que nós não fiquemos acomodados no nosso bem-estar e sintamos remorsos por não fazer todo o bem que possamos fazer. Faz com que a nossa consciência saia do pessimismo e entre em acção.»

## DOCTRINA



Assim o pensamento da Casa do Gaiato...

• O advérbio *agora* encerra dentro de si a actividade de uma vida inteira; ele é a expressão e o valor real do tempo. Ontem e amanhã são palavras mortas. *Agora* é o momento oportuno de trabalhar.

• Nós temos de abrir a Casa do Gaiato *agora* (este nós és tu mais eu) e instalar nela o número de dez — para começar. Estão já alguns casos à espera, aninhados na enxerga do cubículo sem sol, entregues ao cuidado de médicos e à sorte de injeções. Estes serão os primeiros a pisar a casa.

• A mobília está falada, a casa vai ser pintada interiormente, tudo o mais gira no meu pensamento. O problema do pagamento da quinta não mete medo a nenhum mortal. Tu mais eu já demos vinte contos à conta. E tenho aqui na algibeira mais cinco contos e mais um conto e mais cem escudos «para ajuda da escritura» e mais cem escudos num «hei-de dar mais» prometidos em uma linda e rica sala-de-estar, que a gente anda afeito a pisar de tudo. De tal sorte que a cifra dos cinquenta contos, por este andar, não terá muito de vida.

• O que mais importa é conseguir meios para sustentar os dez gaiatos, desde já. Para isso conto com os homens de coração, a cuja porta hei-de bater e rogar uma bolsa de mil e oitocentos escudos para um pequeno doente e para um ano. Esta bolsa pode aproveitar a muitos, segundo a duração da cura de cada um. O pedido é muito alto, tanto na qualidade como na quantidade; mas nunca ninguém se feriu em quedas assim!

*O. Amín. 5.!*

(Do livro Pão dos Pobres — 2ª vol.)

## Novos Assinantes

Tem razão de ser o entusiasmo e alegria que nos invade quando nos debruçamos nesta coluna. Fomos do pequenino grupo que distribuiu, pelo norte do País, a primeira edição d'O GAIATO com o fogo que Pai Américo nos instilou — pelo seu carisma. Ruas, praças, avenidas, cafés, restaurantes, eléctricos, camionetas, comboios, capelas, igrejas, praias, termas... O grito do *Famoso* saía quente da nossa alma jovem! Palavra e acção que espantavam tanta gente! — O Padre Américo manda-vos sozinhos *prà rua!*?... As Casas do Gaiato

foram pedrada no charco... O povo abria os olhos, compreendia a novidade, os portadores da mensagem — parte integrante duma Obra que nascia do nada, crescia no amor, no coração de todos; pois naquele tempo, quando (poucos) nos *maltratavam*..., rendiam-se, depois, à evidência! Porta-voz dos sem voz, foi (ainda é...), também na rua, pela mão dos gaiatos, que o pequenino mensageiro vem conquistando enamorados!

Vamos à *procissão* de novos assinantes que chegam pelo seu pé ou motivados por gente

amiga que não reserva, para si, o *Famoso*.

Lisboa: «Um pedido para uma nova assinatura... Não demorem a enviar o jornal! E o Senhor continue a abençoá-lo, abrindo os olhos e o coração de todos que o recebem e sabem lê-lo». Muito significativo o lema desta Amiga, assinante 27598: «Muitos talentos se perdem por falta de um pouco de coragem».

Montijo: «Em consequência do entusiástico espectáculo que os gaiatos realizaram nesta terra, aí estão alguns resultados positivos»: nove assinantes para O GAIATO.

Figueira de Castelo Rodrigo: «Mando os nomes e endereços de senhoras que desejam receber o jornal. Oxalá correspondam ao compromisso que assumem».

Continua a expansão d'O GAIATO no seio das famílias portuguesas! Coimbra, onde Pai Américo lançou a primeira semente — que deu tantos frutos!: «Fui, ontem à minha terra natal; expus o que é a Obra da Rua e perguntei às minhas irmãs se queriam assinar o jornal. Aqui estou a pedir a sua remessa».

Um mundo de gente!

Júlio Mendes

Padre Manuel António

# ENCONTROS

## Em Lisboa

As férias chegaram. Todos fervilham na alegria de saber «quando é que eu vou?» Gosto de os ver assim, embora tenha que contar, juntamente com eles, muitas vezes, os dias que ainda faltam para a partida. São os mais novos os mais inquietos, mas também os outros esperam ansiosamente a sua vez. As poucas senhoras que temos são sempre aquelas que mais se multiplicam. Se umas têm que ir para a praia dar conta de tudo, outras ficam em casa, somando, às muitas tarefas, a limpeza geral das diferentes casas.

Diante de todo este trabalho dividido por tão poucos, veio-me à lembrança uma pequena história passada a quando da vinda do Santo Padre. Em casa houve meias folgas para que quem quisesse ver a transmissão televisiva o pudesse fazer. Um dos muitos a quem a transmissão não interessou, veio ter comigo e perguntou: «O Papa também vem a nossa Casa»? Olhei para ele. Parei o trabalho que estava a fazer

e tentei explicar que isso não era possível. O Papa tinha muito trabalho, não podia ir a todo lado, etc... Senti uma tristeza a passar no seu olhar e sem me deixar terminar a argumentação: «Mas a gente merece!» Voltou as costas e seguiu... Fiquei a pensar que também eu teria gostado que o Santo Padre, nesta segunda visita, fosse mais próximo, sem tantas multidões e tantos protocolos. Pareceu faltar a profecia e dava a ideia do já visto. O miúdo pareceu-me ter razão. Embora o merecimento do Papa seja um sonho, ele merece que a Igreja que o Santo Padre representa possa gerar no seu seio mães adoptivas que se lhe entreguem de alma e coração, sem olharem a diplomas, carreiras, prestígios, tempo, e confundam a sua vida com a vida dele.

Precisamente quando o Santo Padre andava por cá, deparei com dois miúdos em extrema miséria, quer social, quer habitacional, quer mesmo alimentar. Aqui, em Casa, são «os magrinhos». Logo à chegada foram vários os rapazes que se apre-

sentaram a dizer: «O senhor Padre já viu que eles têm a pernitás tão magrinhas? São assim, finas». E faziam o gesto juntando o indicador ao polegar de modo a ficar um orifício muito pequeno. O médico a quem recorri começou a indicar, no corpo deles, as marcas da sub-alimentação. A determinada altura dei um salto interior. Apontou as costelas e disse: «Aqui tem a figura típica dos cristos da Idade Média». Apeteceu-me ajoelhar. Foi um médico a fazer a relação entre aqueles miúdos e o Cristo. Talvez o médico não se apercebesse do que estava a dizer e utilizasse a linguagem fria da Medicina, mas a mim falou-me a linguagem da fé. Andamos às vezes a ler todos os dias o Evangelho e não identificamos o Cristo; no entanto, Ele está presente, talvez com a face desfigurada pelas dores e repelente ao olhar.

São estes que merecem mães para cuidar deles. É também por aqui que se mede a autenticidade de uma certa consagração religiosa. Sei, por experiência, que nem sempre é fácil; mas prefiro esta vida a um certo vazio de muita religião com santinhos, foguetes, peregrinações, concentrações, etc.

**Padre Manuel Cristóvão**

# Tribuna de Coimbra

Este fim-de-semana foi muito rico de vida em nossa Casa!

A romagem anual dos antigos gaiatos do Norte às outras Casas e reunião-convívio dos do Centro.

Começou pela chegada do primeiro casal na sexta-feira. O Zé Manel, «Horacito», veio de Lisboa com a mulher e o filho mais velho. À noite, fomos ao bar e encontramos-nos à mesa com alguns dos nossos casados que vivem aqui à volta. O Zé Manel foi chefe dos miúdos. Procurou ser bom chefe. Que coisas lindas disseram do papel dos chefes em nossas Casas! A grande descoberta que Pai Américo fez e deixou na educação destes seus filhos. O Zé Manel e a mulher trabalharam muitos anos na América do Norte e pouparam. Lá nasceram os filhos. Hoje, vivem do fruto do seu trabalho e procuram viver com humildade. Que boa presença!

Sábado, ao meio da manhã, chegou o autocarro cheiinho. Pais e filhos e alguns netos. Alguns vieram recordar a Casa que os acolheu. Ao almoço foi tudo

bom: O pão bem preparado pelo nosso Zito. O vinho colhido e esmagado pelo tio João Amaral que Deus chamou. A carne que o talho vizinho oferece todas as semanas. O feijão verde da nossa quinta. A sobremesa que veio de longe. Todos, no fim, agradecemos a Deus as coisas tão boas que nos dá.

O grande dia foi o domingo. Levantei-me às seis e chamei os do gado e os padeiros. Às nove, tomámos o pequeno-almoço e a Casa estava quase arrumada.

Os de mais longe tinham chegado na véspera. Todos tiveram cama. Às onze, a Casa estava a ficar cheia. Daí a meia hora juntámo-nos no salão preparado para a Eucaristia. Foi ali o centro do grande encontro. Todos fomos convidados e tivemos lugar à mesa do Pai. O Abel Magalhães partilhou com a assembleia a Palavra de Deus. «Caminhar juntos na vida para a Vida.» Os slides iam ilustrando. O diálogo na família. Todos sentados à mesa. A oração da criança: «Aqueles que ainda não são bons que os sejam. E que sejam também simpáticos». A Eucaristia foi cântico de

louvor e de acção de graças.

A seguir, o almoço. O sol obrigou-nos a mudar as mesas para o largo da grande nespereira. Cada um, de prato na mão, à volta dos tachos grandes e depois à procura dum lugar à sombra. Um quadro maravilhoso! O pão servido num grande tabuleiro. O vinho em garrações. Os sumos em garrafas. A fruta em caixas grandes. A alegria estampada nos rostos. Depois da bica, os jogos. Àquela hora tiveram de ser de pouco esforço: a sueca, o fito, o saco, o derrube da lata, a corrida dos cântaros, o banho na piscina.

A sardinha a assar em dois grandes assadores começou a cheirar e a chamar. Encheu-se novamente a eira. Todos já tinham mais apetite. Quem há que não goste de sardinha assada? E bem regada com vinho rosé que o Tó Mané e o Manel «Sacristão» trouxeram da herdade do Quinto! E os bolos que cada um procurou trazer!

Estava o dia a chegar ao fim e o jogo dos jovens portugueses e brasileiros a começar. A nossa equipa continua vencedora e nós todos a bendizermos o Senhor por mais todo este dia.

**Padre Horácio**

# «O Homem é o Caminho da Igreja»

Eis o título do último capítulo da Encíclica *Centesimus Annus*. Decerto com ele se pretende sublinhar e deixar como conclusão indelével na mente dos homens, que o pensamento constante, o objecto supremo da Igreja ao reflectir sobre a *questão social*, é este, expressamente afirmado por João Paulo II: «A correcta concepção do homem (ser criado à imagem de Deus: livre) serve de linha condutora da Encíclica de Leão XIII e de toda a doutrina social da Igreja».

Esta, ao debruçar-se sobre problemas que afectam a Humanidade inteira, tem como imutável pano de fundo, o Homem para quem a sociedade é, a cujo destino eterno a sociedade deve servir, mediante uma organização que compromete o próprio homem a sacrificar algo de si, algo de para si, na prestação de serviços em ordem ao *bem comum*. Sem este não pode haver uma distribuição equitativa, de modo que cada homem tenha a porção que lhe é necessária ao desenvolvimento da sua vida segundo as linhas de força da sua natureza.

O *bem comum* não é apenas um somatório de bens materiais para repartir. Ele abrange também a diversidade de bens espirituais que a natureza humana requer e cada homem deve ter ao seu alcance conforme as suas próprias necessidades. O *bem comum* é um objectivo social para o qual cada homem terá de fazer render os dons que recebeu em favor de todos os homens, de tal modo que a sua riqueza pessoal ele a considerará somente como a parte que lhe é necessária da riqueza total para que contribuiu com o seu esforço. Não se trata de produzir riqueza pela riqueza. Mas ter em vista, ao produzi-la, mais do que o aumento do património próprio, o do património colectivo; e torná-lo acessível a todos os homens que a ele precisam de recorrer.

A organização da sociedade em ordem a este objectivo tem que fluir da livre acção dos homens, que a si mesmos se não de limitar por uma consciência social que os leve a assumirem-se como obreiros do colectivo; e a olharem-se mutuamente, menos como adversários em competição e mais como sócios de uma empresa comum: a de dar resposta às necessidades fundamentais de todos os homens — tarefa que ninguém é capaz de cumprir só por si.

Entre as experiências extremas de uma socialização massificante e de um liberalismo sem freio para a cobiça dos homens, o caminho a seguir há-de orientar-se por esta premissa fundamental: «A principal riqueza do homem é o *próprio homem*». «É a sua inteligência que o leva a descobrir as potencialidades produtivas da terra e as múltiplas modalidades através das quais podem ser satisfeitas as necessidades humanas. É o seu trabalho disciplinado, em colaboração solidária, que permite a criação de *comunidades de trabalho* cada vez mais amplas e mais eficientes para operar a transformação do ambiente humano».

Daí que «parece ser o *livre mercado* o instrumento mais eficaz para dinamizar os recursos e corresponder às necessidades, tanto no âmbito de cada nação como no das relações internacionais». Mas, como *mercado* e *economia* não são tudo na vida do homem («A liberdade económica é apenas um elemento da liberdade humana»), é preciso que se não absolutizem os seus valores específicos sempre de natureza instrumental; e se não esqueça que «existe *algo* que é devido ao homem porque é homem, com base na sua eminente dignidade. E que esse *algo* comporta a possibilidade do homem sobreviver e dar o seu contributo para o *bem comum* da Humanidade».

O modelo de organização a perseguir é o de «*uma sociedade de trabalho livre, da empresa e da participação*», a qual «se não contrapõe ao *livre mercado*, mas requer que ele seja oportunamente controlado pelas forças sociais e estatais de modo a garantir a satisfação das exigências fundamentais de *toda* a sociedade».

A sintetizar este pensamento e a prevenir tentações de vão triunfalismo, este aviso do Papa actual: «É inaceitável a afirmação de que a derrocada do denominado 'socialismo real' deixe o capitalismo como único modelo de organização económica». E acrescenta, a definir: «Se por 'capitalismo' se entende um sistema económico que reconhece o papel fundamental e positivo da empresa, do mercado, da propriedade privada e da consequente responsabilidade pelos meios de produção, da livre criatividade humana no sector da economia — a resposta é certamente positiva.»

Mas se por 'capitalismo' se entende um sistema em que a liberdade no sector da economia não está enquadrada num sólido contexto jurídico que a coloque ao serviço da liberdade humana integral e a considere como uma particular dimensão desta liberdade, cujo centro seja ético e religioso — então a resposta é sem dúvida negativa».

Quase a terminar a presente Encíclica, querendo frisar bem a sua intenção ao escrevê-la, João Paulo II, num olhar que se abre sobre o mundo inteiro, diz:

«Desejava, de modo particular que ela fosse dada a conhecer e actuada nos países onde, após a queda do 'socialismo real', se revela uma grave desorientação na obra de reconstrução».

Por sua vez, os países ocidentais correm o perigo de verem, nesta derrocada, a vitória unilateral do seu próprio sistema socio-económico, sem se preocuparem, por isso, em fazer nele as devidas correcções.

Enfim, os países do Terceiro Mundo encontram-se, mais que nunca, na dramática situação do sub-desenvolvimento que, cada dia, se torna mais grave».

E confiado na boa vontade dos homens repete a todos a palavra centenária, e infelizmente ainda tão oportuna, de Leão XIII: «Cada um realize a parte que lhe compete e não demore, porque o atraso poderia tornar ainda mais difícil a cura de um mal já tão grave».

**Padre Carlos**



# Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Galato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Tel. (051) 752285 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239